

FILHO
DO CAOS
PAI
DA NOVA
ERA

— Fique tranquila, querida, essa é uma oportunidade que vai mudar nossas vidas. Além disso, você vai fazer novas amigas lá também — disse William, enquanto tentava consolar Sara, a quinta filha da família, composta por Margareth, a mãe, William, o pai, e suas sete filhas: Sunset, Summer, Bella, Maggie, Sara, Olivia e Mary, que tinham, respectivamente, 14, 12, 10, 8, 6, 4 e 2 anos.

— Red Maze? É o nome de algum tipo de jogo de tabuleiro? — perguntou Summer, zombando do nome da cidade para onde estavam se mudando.

Ao chegarem à cidade, a família passou a noite em um hotel na entrada da cidade. No dia seguinte, William e Margareth procuraram um corretor que pudesse ajudá-los a encontrar uma casa grande o suficiente para nove pessoas. Margareth agiu com inteligência e pediu ajuda ao dono do hotel, Paul, que os apresentou pessoalmente a Mark, um corretor renomado que há tempos tentava vender um dos maiores prédios residenciais da pequena cidade: um antigo orfanato abandonado.

Rapidamente, Mark levou o casal para conhecer o orfanato. Logo de cara, Margareth ficou visivelmente incomodada com o ar sombrio da casa. Ela era muito grande e possuía uma estética antiga.

— Essa casa tem tudo o que precisamos: nove quartos, dois andares e um espaço amplo para a sala de estar, sem contar aquele gramado enorme lá fora — disse William, bastante satisfeito.

— Além disso, o preço que o proprietário está pedindo é absurdamente baixo em comparação com outras casas parecidas — acrescentou Mark, com um enorme sorriso no rosto.

Tomado pela empolgação, William decidiu fechar negócio e comprar a casa.

Após a mudança, Margareth dedicou-se a uma leve limpeza pela casa. O ar carregado de poeira e o silêncio opressor dos cômodos vazios a deixavam inquieta. Depois de horas de trabalho, exausta, jogou-se no velho sofá da sala. O cansaço a dominou e, sem perceber, adormeceu.

Seu descanso, no entanto, foi interrompido por um som vindo do andar de cima. Passos ressoavam sobre sua cabeça, no sótão. Um frio percorreu sua espinha. Prendeu a respiração, tentando ouvir melhor. Entre o medo e a curiosidade, decidiu subir.

Ao abrir a porta do sótão, deparou-se com suas filhas brincando, suas risadas ecoando pelo cômodo. Por um instante, sentiu-se ridícula por ter se assustado. Suspirou aliviada.

Foi então que algo chamou sua atenção. Entre bonecas espalhadas, Olivia segurava um desenho. Margareth se aproximou e pegou o papel. O traço infantil mostrava sete crianças de mãos dadas, seus rostos marcados por expressões indecifráveis. Um arrepio percorreu sua nuca.

Uma inquietação tomou conta dela. Desde que chegaram, sentia que algo estava fora do lugar. Decidiu investigar a história da casa. Passou horas revirando jornais antigos, sem sucesso. Estava prestes a desistir quando uma manchete chamou sua atenção.

A notícia, datada de dez anos atrás, relatava uma tragédia brutal: o assassinato de sete meninas no antigo orfanato da cidade.

Furiosa, Margareth mostrou a reportagem ao marido.

— Está vendo? Essa casa tem um histórico horrível! Por que você insiste que devemos ficar aqui? — sua voz tremia de desespero.

William suspirou, tentando acalmá-la.

— Margareth, por favor, tenta relaxar. Estamos com problemas financeiros. Isso aconteceu há muito tempo... Não tem nada a ver com a gente.

Nos dias que se seguiram, Margareth não conseguia tirar da cabeça a notícia que havia lido. Por mais que tentasse, algo dentro dela sussurrava que aquilo não era apenas um eco do passado. A casa tinha um clima estranho, como se estivesse guardando um segredo.

Decidiu investigar melhor o sótão. Subiu sozinha e começou a mover os móveis antigos. Foi então que percebeu uma parte da parede com a madeira um pouco solta. Curiosa, puxou a tábua e encontrou uma pequena portinha. Atrás dela, uma escada descia para um lugar escuro e abafado.

Desceu com cautela. O porão estava coberto de poeira e exalava um cheiro desagradável. No canto, avistou uma estante repleta de objetos antigos. Em cima de uma cadeira, havia um caderno velho, com uma capa escura. Ela pegou o caderno e começou a folhear.

As páginas estavam repletas de símbolos, nomes de crianças e datas estranhas. Parecia um diário. Algumas partes mencionavam um grupo secreto, uma seita. No final, uma frase chamou sua atenção:

“Sete puras. Sete marcas. A última trará o fim.”

Margareth fechou o caderno com as mãos trêmulas, sentindo o coração disparar. Foi então que ouviu passos atrás de si. Ao se virar, deu de cara com Sara, parada no topo da escada.

— Mãe... — disse a menina, em um sussurro — eu sonhei com aquelas meninas. Elas me chamavam.

Margareth não respondeu. Apenas apertou o caderno com mais força, um pressentimento ruim crescendo dentro dela.

Margareth passou a noite em claro, com as palavras daquele caderno e o que Sara disse ecoando em sua mente. Por mais que tentasse se distrair, uma voz interna insistia que havia algo muito errado.

Nos dias seguintes, as filhas começaram a se comportar de maneira estranha. Sunset falava sozinha, olhando para o vazio. Summer acordava no meio da noite, afirmando que ouvia sussurros. Bella desenhava símbolos estranhos nas paredes. As mais novas estavam mais quietas, parecendo distantes.

Margareth decidiu voltar ao porão e reler o diário. As anotações falavam de uma seita que usava o orfanato para preparar a chegada do anticristo. Eles acreditavam que, ao reunir sete meninas puras, poderiam iniciar um ritual. A última, a sétima, seria o receptáculo.

Mary.

O nome da filha mais nova não saía da sua cabeça. Tudo fazia sentido agora.

Com o coração disparado, ela subiu as escadas correndo. Barulhos estranhos vinham do sótão. Ao abrir a porta, parou, incapaz de dar mais um passo.

As filhas estavam em círculo, de mãos dadas. Mary estava no centro, parada, com os olhos fechados. As outras murmuravam algo que Margareth não conseguia entender. A voz delas soava como se viesse de um lugar distante.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou, com a voz embargada.

Sunset virou lentamente. Seu olhar era frio e distante.

— Já está acontecendo, mamãe.

Margareth tentou correr até Mary, mas caiu de joelhos. O ar parecia pesado, como se algo invisível a segurasse. Tudo tremia. Luzes piscavam. O sótão parecia pulsar com vida.

Ela compreendeu. Aquilo não era apenas um ritual. Era real.

Era o começo do fim.